

OUTONO EM FAMÍLIA

Por JOSÉ CARDOSO PIRES

BRIGHTON, suave Outono político.

Nos tempos que já lá vão e com este Sol ameno, Brighton ainda continuaria a esta hora em fechada vida social, muito calma, muito sobranceira, e ilustrada pelos aristocratas de todas as Casas de Sua Majestade. Nos tempos que agora vão, a famosa estância do Príncipe-de-Gales-sobre-a-Mancha (1784, 1837, 1890, 1903, e etc.) resignou-se à baixa dos brasões e do pedigree e abre os braços à multidão dos delegados ao Congresso do Partido Trabalhista, chegados de fresco das docas, da City, das fábricas de Manchester ou da Câmara dos Comuns, e que agora ocupam o topo da escala política nacional.

«Brother Harold»

A paisagem mudou, a música de fundo também.

No Grande Hotel transformado em quartel general dos militantes Labour Party e dos chefes-de-fila das Unions, o inglês corrente passou a ser em Brighton menos privado, e renegou os dicionários de palácio. Tem agora um outro «acento». Apresenta largas variantes de pronúncias locais e sociais, mostra-se menos monótono no humor — e, ponto importante, é repetido por todos os canais da televisão. Em Brighton, hoje, Outubro real de 1969, o homem que veio das minas, e que foi guindado à plataforma soalheira dos terraços e dos lobbies políticos, saúde o delegado de Oxford em termos de «Camarada»; o representante da City trata-o por «Mister»; e os raros tradicionalistas do sindicalismo, fiéis à nomenclatura ainda em vigor das lojas e das capelas (sic) que os elegeram, insistem no «Irmão» como cumprimento de regra.

Harold Wilson é simplesmente «Harold» para alguns, «Mr. Wilson» para outros. E mostra-se muito activo nesta reunião de família.

O Congresso que fala

Em tal variedade de tons e de estilos o Congresso do Partido Trabalhista prossegue a sua marcha — com vistas às eleições, evidentemente — e mobiliza a opinião Internacional. Se na agenda se lhe apontam temas de impasse ou ornatos de

solução precária, isso deve-se à linha de reformismo (ou de conformismo) da sua doutrina de base. Mas adiante.

O que importa é que se trata de uma reunião decisiva para um partido no poder e que, reunião de partido, dela participam também diariamente, graças aos televisores, milhões de concidadãos de todas as correntes políticas. Que deste modo estimula a agilidade e a intervenção cívica do homem do dia-a-dia e dos grupos responsáveis. E que a um debate de partido se confere, desde logo e abertamente, uma amplitude de responsabilidade ao nível nacional na medida em que cada proposta apresentada, cada controvérsia em família, cada resolução, são expostas à crítica exterior no processo da sua evolução e nas suas cambiantes internas. (Alto e bom som, das bancadas dos correligionários, Barbara Castle ouviu duras e oportunas críticas ao Ministério que dirige. Alto e bom som, a Union of Engineering decidiu votar contra a política do Partido, sem que daí viesse a desordem na família nem o caos nas ruas.)

Isto, é evidente, poderá tomar-se como prerrogativa das instituições mais do que do Partido Trabalhista em si mesmo. Mas com paciência e mais coisas sempre se descobrem mil maneiras de ajeitar as instituições e mil de as substituir por outras, sem escândalo de maior. Já tem sucedido, de resto. Aqui — na própria Inglaterra

Com janela para a rua...

Durante quarenta e cinco minutos, Mr. Wilson apresentou em Brighton «o seu mais retumbante discurso (palavras de Hugh Noyes) desde que subiu ao poder». Durante quarenta e cinco minutos, o primeiro-ministro fez a exposição pública, embora em assembleia de correligionários, do que tem sido a linha política de um partido no Governo. Linha certa, linha errada? Não é isso que está em causa. O que importa é que foi justificada em reunião de grande família e com as janelas dos televisores abertas para quem quisesse assistir. A família, porque é de facto grande, aplaudiu ou discordou. Mr. Wilson, porque concebe o seu partido a uma escala nacional, dava a sua prova de auto-

ridade submetendo-se a uma crítica que ultrapassava a dos seus correligionários.

«Estamos ainda no começo» resumiu ele, depois de enumerar as realizações destes anos de governação e sem as evocações históricas tão frequentes nos oradores que têm da palavra um sentido académico e do mundo uma ideia de gabinete emoldurado em estampas históricas.

«Estamos ainda no começo...»

Assim, em tom aberto e familiar, Mr. Wilson prestou contas ao país. Lado a lado com uma sofisticada delegada como Anne Kerr e um mineiro galês em mangas de camisa. Sem formalismos autoritários nem pressupostos de ameaça ou de intranquilidade. Gracejando por vezes e não resistindo, até, à vontade de citar uma balada para, entre gargalhadas da assistência (de quem e além Brighton), tornar mais clara a sua descrição do país.

«No momento em que eles», disse, referindo-se aos conservadores, «parecem com as mentiras a nosso respeito, teremos nós de deixar de falar verdade acerca deles». (Risos e aplausos).

Claro que a ironia sagaz de Wilson e o tom despretensioso da sua intervenção correspondem a uma praxe de argumentação que se estende desde os oradores de Hyde Park às reuniões do Parlamento. E que nesta toada viva mas atenta, as contradições de Mr. Wilson não raro deixaram de ser salientadas. Em todo o caso, numa altura em que o discurso político se dirige, viva voz, ao lar de cada cidadão, o tom descontraído de Harold, tom «em família», vem comprovar-se eficiente e lógico porque assenta na abertura à crítica e na autoridade da discussão. E só por isso.

Brighton, que de estância aristocrática passou a paraíso dos reformados, sofreu uma metamorfose de circunstância com a invasão dos trabalhistas em congresso. Estava um Outono ameno a declinar entre aplausos e discursos para o longo Inverno de Essex. Um Inverno enigmático. Mas «estamos ainda no começo» — Wilson dixit.

LONDRES, Outubro